

JUSTINIANO DE SERPA

Justiniano José de Serpa nasceu em 6 de junho de 1876 na cidade de Aquidauana, Ceará, e faleceu no Rio de Janeiro no dia 2º de agosto de 1923, aos 47 anos de idade. Bacharel pela Faculdade de Direito do Recife, em 1898, trabalhou na carreira pública em decorrência do grande dom de oratória que possuía. Foi deputado provincial do Ceará (1892/1899), deputado federal pelo Ceará (1900/1917), e presidente do Conselho de 1920 até a morte. No período que serviu ao Acauapé, trabalhou em comissão na biblioteca do estado (atual) e também se ocupou da administração do Museu Literário e do Gabinete Artístico. Em Recife, em 1913, foi eleito presidente da Faculdade de Direito da Paraíba.

Jornalista e poeta, colaborou em vários jornais da capital cearense, com destaque para os seguintes livros publicados: Ode ao Ceará (1919), Ode ao Brasil com José de Alencar (1920), Ode ao Ceará (1920), Ode ao Brasil (1920) e Ode ao Ceará (1920).

**ANTOLOGIA DOS POETAS DA
ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS**

no período de 1896 a 1900. Tese de doutorado em Letras, apresentada ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, sob a orientação do Prof. Dr. João de Deus, quando foi eleito presidente do conselho. Também foi eleito presidente do conselho. Com a ajuda de Leonardo Melo, organizou o primeiro quadro acadêmico, ocasião em que se reuniu a primeira reunião da Academia Cearense de Letras.

A REDENÇÃO DO ACAUAPÉ

LEONARDO MELO
1920

Vence a Fúria e o Desejo,
Que se iluminam de luz,
Das cinzas do Proencanto
Resurgem novos heróis,
Trazendo a fim a unidade,
Magnando a Legalidade,
Que tem a sombra e não tem luz,
Que um povo que se redime,
É um exemplo sublime,
Que a História à Glória condiz.

O céu se veste de espumas,
A terra de luz e flores,
O sol se adorna das pássaros.

RACHEL DE QUEIROZ

Nasceu em Fortaleza no dia 17 de novembro de 1910 e faleceu no Rio de Janeiro no dia 4 de novembro de 2003. Fez o curso normal no Colégio Imaculada Conceição, após o qual dedicou-se ao jornalismo. Colaborou com os jornais cearenses *O Ceará*, *A Jangada* e *O Povo* e, transferindo-se para o Rio de Janeiro, com o *Diário de Notícias*, *O Jornal* e *Folha Carioca*. Fez reportagens para a revista *A Cigarra* e, a partir de 1946, passou a redigir a Última Página da revista *O Cruzeiro*, o que a fez, na época, a cronista mais lida do Brasil.

Cronista de inegável valor foi, ao mesmo tempo, romancista, contista, ensaísta, teatróloga e tradutora de livros. Estreou muito jovem na literatura com o livro *O quinze*, que lhe deu renome nacional e o prêmio da Fundação Graça Aranha, considerado, na época, o mais importante dos meios literários do País. Seus livros subseqüentes continuaram a ter aceitação do público e reconhecimento da crítica. Principais obras: *O quinze*, 1930; *João Miguel*, 1932; *Caminho de pedras*, 1937; *As três Marias*, 1939 (prêmio Sociedade Felipe D'Oliveira); *A donzela e a Moura Torta*, 1948; *Lampião*, 1953; *A beata Maria do Egito*, 1957; *Cem crônicas escolhidas*, 1958; *Dôra, Doralina*, 1975; *Galo de ouro*, 1986; *Memorial de Maria Moura*, 1992; e *Tantos anos*, 1998, em colaboração com Maria Luíza de Queiroz. No início de sua vida literária adotou o pseudônimo de Rita de Queluz.

Rachel de Queiroz foi a primeira mulher a ingressar na Academia Brasileira de Letras, na cadeira número 5, cujo patrono é Bernardo Guimarães, em 4 de novembro de 1977. Recebeu os prêmios Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras, pelo conjunto da obra, Jabuti de Literatura Infantil, Nacional de Literatura de Brasília, Juca Pato e o Camões, do governo de Portugal. Fez parte do Conselho Federal de Cultura e foi delegada do Brasil na 21ª Sessão da Assembléia Geral da ONU.

Ingressou na Academia Cearense de Letras no dia 15 de agosto de 1994 na ocasião do centenário da Academia. Ocupou a vaga deixada por Moreira Campos, cadeira número 32, cujo patrono é Ulisses Pennafort. Foi saudada pelo então presidente do sodalício, acadêmico Artur Eduardo Benevides.

TELHA DE VIDRO

*Quando a moça da cidade chegou,
veio morar na fazenda,
na casa velha...
Tão velha...
- Quem fez aquela casa foi seu bisavô...
Deram-lhe para dormir a camarinha,
uma alcova sem luzes, tão escura!
mergulhada na tristura
de sua treva e de sua única portinha...*

*A moça não disse nada;
mas mandou buscar na cidade
uma telha de vidro;
queria que ficasse iluminada
sua camarinha sem claridade...*

*Agora,
o quarto onde ela mora
é o quarto mais alegre da fazenda.
Tão claro que, ao meio-dia, aparece uma renda
de arabescos de sol nos ladrilhos vermelhos
que apesar de tão velhos
só agora conhecem a luz do dia...*

*A lua branca e fria
também se mete às vezes pelo claro
da telha milagrosa...
- Ou alguma estrelinha audaciosa
careteia
no espelho onde a moça se penteia...*

Que linda a camarinha! E era tão feia!

*- Você me disse um dia
que sua vida era toda escuridão,
cinzenta,
fria,
sem um luar, sem um clarão...
Porque você não experimenta?
A moça não foi tão bem sucedida?
Ponha uma telha de vidro em sua vida!*

FONTE: QUELUZ, RITA DE. TELHA DE VIDRO. ALMANAQUE COMERCIAL, FORTALEZA: URÂNIA, v. 2, p. 119, 1929.